



"O artista é aquele que saiu da trincheira e não cedeu quanto à sua marca diferencial." (Jorge Forbes)

Repetição, com Estilo¹.

Repetição e o Artista

Raymond Queneau, escritor francês, contemporâneo de Lacan, fez parte do movimento surrealista, liderado por André Breton. Separou-se, no entanto, por discordar de um dos princípios elementares do Manifesto Surrealista. Este tentava desenvolver um trabalho de expressão pura do inconsciente sem a mediação da consciência do autor, enquanto que, para Queneau, os trabalhos deveriam ser concebidos depois de extensas e detalhadas considerações da mente consciente.

Como muitos surrealistas, ele submeteu-se à psicanálise, mas não para estimular sua criatividade. Destacou-se em 1959 com o famoso *Zazie dans le métro* que ganhou adaptação da *nouvelle vague* por Louis Malle, no ano seguinte.

¹ Trabalho apresentado ao Corpo de Formação em Psicanálise 2009, Módulo II, pelo Grupo 1: Clara Efigênia V. Brasil, Daniela Maria H. De Lamare, Daniela Gatto Rossi, Garabet Kissajikian Jr., Guilherme Scaff, Jaci Palma Jr., Nekhama Kovari, Taísa Zogbi, Dorothée Rüdiger (sombra) e Elza Macedo (tutora).



Queneau fundou e liderou a *OuLiPo (Ouvroir de Littérature Potentielle)*, um grupo de escritores que se dedicava a aplicar princípios matemáticos combinatórios à literatura, gerando imensas possibilidades de recriação da língua escrita. Em atividade, até hoje, teve como integrantes conhecidos Georges Perec e Italo Calvino, dentre outros.

O exemplo mais notável da aplicação destes princípios é o de *Exercices de style*. A história prosaica de um homem que encontra um estranho duas vezes no mesmo dia é contada de 99 maneiras diferentes, ilustração inequívoca da imensa variedade de estilos lingüísticos que podem ser criados. Ilustração inequívoca da repetição que demanda o novo.

Repetição e Arte

A repetição na arte é aquela que existe por estar ancorada no real. É a repetição da diferença, e daí seu aspecto criativo singular e incompleto. Freud, em *Os Escritores Criativos*, quer "...saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais, talvez, nem nos julgássemos capazes". (Freud)

Os criadores, poetas, artistas, cientistas, cineastas, estão implicados em algo novo. Possuem menos identificações paralisantes e daí a mobilidade pode se manifestar, ou seja, ainda que toquem a mesma música, podem tocá-la em outro tom. Nos artistas há maior coragem e responsabilidade, assumem o risco de uma felicidade que não se encaixa nos modelos *prêt-à-porter*. A arte toca o corpo, pois não importa mais o sentido e sim o ressoar, o ritmo.

Daí, o corolário: "*reencontrar a singularidade do próprio traço, em qualquer tipo de expressão, é uma maneira de*



INSTITUTO
DA PSICANÁLISE
LACANIANA

destacar o estilo (...). O artista é aquele que saiu da trincheira e não cedeu quanto à sua marca diferencial."
(Forbes)

É através da análise que se torna possível encontrar um significante que por não remeter a significado algum, traz a marca do Real e da invenção. Ao *savoir-faire* com seu *sinthoma* o analisante passa do sonho à criação, da imaginação à invenção, do adiar ao agir. Não é porque há algo que sempre escapa, que não se pode fazer nada: *"...algo sempre escapa, e do que escapa faz-se algo de bom"* (Forbes). A repetição no artista, diferente da repetição no neurótico, tem sempre novidade e surpresa.

Repetição em Freud

Em sua clínica, Freud se deparava com aquilo que insistia, que não cessava em buscar se fazer dizer, que provinha do passado, que não encontrava seu caminho em direção à consciência e que redundava na formação do sintoma. A repetição foi, assim, se transformando, ao longo do percurso freudiano, de um fenômeno clínico a um conceito de grande importância: a compulsão à repetição.

Em *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1914, Freud destaca: *"o que nos interessa, acima de tudo, é, naturalmente, a relação desta compulsão à repetição com a transferência e com a resistência"*. Sob o efeito da resistência, o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalcou, mas o expressa pela atuação ou *acting out*. Repete não como lembrança, mas como ação e sem saber que está repetindo.

Mais tarde, em 1920, Freud se deparou com um impasse ao perceber que havia algo que se repetia *"Para Além do Princípio do Prazer"*. Deu-se conta de outra espécie de



satisfação que se dá no nível da pulsão e que desafia os princípios do prazer e da realidade. Foi este o momento da formulação do conceito da pulsão de morte.

Repetição em Lacan

Lacan fez da repetição um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Ele afirma que a repetição nunca é a repetição do mesmo. Há invariavelmente algo novo: "*O que se repete é sempre algo que se produz.*" (Lacan) Ou seja, é diferente da reprodução.

O que se repete é o real, que volta sempre no mesmo lugar, em que o sujeito procura e não acha. Isso se articula com o gozo que "*...encontra sua origem na busca, tão repetitiva quanto inútil, do momento de satisfação de uma necessidade, que só se constitui como demanda no só-depois da resposta que lhe foi dada.*"(Lacan)

Lacan busca na *Física* de Aristóteles dois conceitos acerca da repetição: *tiquê* e *automaton*. A *tiquê* caracteriza-se como o encontro do real, essencialmente faltoso, e que não pode mais se dar a não ser repetindo-se infinitamente. "O encontro com o real não está situado no nível do pensamento, mas no nível onde a 'fala oracular' produz *non-sense*, aquilo que não pode ser pensamento."(Fink)

Já o *automaton* articula-se com a pulsão de morte e com a compulsão à repetição de Freud. É a repetição simbólica, não do mesmo, mas da origem. O real está sempre além do *automaton*, do retorno, da volta, da reprodução.

Em Lacan, a repetição se articula com a subjetividade e está relacionada com poder fazer outra coisa com aquilo que, inicialmente, levava o sujeito ao sintoma. "Não existe



uma resposta racional no sentido do entendimento. Só existe uma resposta necessária: fazer uma ação perante isso". (Forbes) Assim, cada sujeito, em sua singularidade, dispõe da possibilidade de fazer algo novo.

Referências Bibliográficas

FINK, B. A causa real da repetição. IN: FELDSTEIN, R. et alii. *Para ler o Seminário XI de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FORBES, J. *Da palavra ao gesto do analista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

_____. *Você quer o que deseja?* Rio de Janeiro: Best Seller 2003.

FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer* (1920). *ESB*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. *Escritores criativos e devaneio* (1907-8). *ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____, *Recordar, repetir e elaborar* (1914). *ESB*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1953-54). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Seminário 8: A transferência* (1960-61). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Seminário 11 : Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.